

Métodos em Linguística Popular (aplicada): o que pensa o povo?¹

Methods in (applied) folk linguistics: getting into the minds of the folk

Métodos en Lingüística Popular (aplicada): ¿qué piensa la gente?

Dennis R. Preston*

Oklahoma State University (OKSTATE/USA)
preston@msu.edu, dennis.preston@okstate.edu
<https://orcid.org/0000-0001-9949-0211>

RESUMO

Este artigo trata da coleta e interpretação de dados em linguística popular, mas, como o título entre parênteses sugere, não se limita a qualquer noção pré-concebida de quais abordagens ou técnicas podem ser mais relevantes para a ampla variedade de preocupações no âmbito da linguística aplicada. Vou conceber a linguística popular amplamente aqui, incluindo não apenas os comentários que os não linguistas fazem sobre os tópicos linguísticos, mas também, as reações que eles têm a variedades de linguagem e uso da linguagem, incluindo respostas abertas e subconscientes. Em outras palavras, as descobertas da psicologia social da linguagem (ou seja, estudos de atitude) são consideradas parte da linguística popular, juntamente com dados derivados de um discurso mais consciente ou de funções operacionais. Esta é uma posição diferente daquela que atribui o rótulo de “linguística folk/popular” a respostas mais conscientes e “atitudes de linguagem” a outras

¹ Tradução de Marcelo Rocha Barros Gonçalves e Lívia Maria Falconi Pires.

* Sobre o autor ver página 41.

Estudos da Língua(gem)	Vitória da Conquista	v. 19, n. 2	p. 9-42	agosto de 2021
------------------------	----------------------	-------------	---------	----------------



relativamente mais inconscientes (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003, p. xi).

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Popular; Dialectologia Perceptual; Linguística Aplicada.

ABSTRACT

This paper deals with data gathering and interpretation in folk linguistics, but, as the parenthetical title suggests, it is not limited to any prejudged notion of what approaches or techniques might be most relevant to the wide variety of concerns encompassed by applied linguistics. I will conceive of folk linguistics broadly here, including not only the comments that non-linguists make about linguistic topics but also the reactions they have to varieties of language and language use, including overt as well as subconscious responses. In other words, findings from the social psychology of language (i.e., attitude studies) are taken to be a part of folk linguistics, along with data derived from more conscious discourse or from operational tasks. This is a different position from one that assigns the label “folk linguistics” to more conscious responses and “language attitudes” to relatively more unconscious ones (e.g., NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003, p. xi).

KEYWORDS: Folk Linguistics; Perceptual Dialectology; Applied Linguistics.

RESUMEN

Este artículo trata sobre la recopilación e interpretación de datos en lingüística popular, pero, como sugiere el título entre paréntesis, no se limita a ninguna noción preconcebida de qué enfoques o técnicas pueden ser más relevantes para la amplia variedad de preocupaciones en el campo de la lingüística aplicada. Concebiré la lingüística popular ampliamente aquí, incluyendo no solo los comentarios que los no lingüistas hacen sobre temas lingüísticos, sino también las reacciones que tienen ante las variedades de lenguaje y el uso del lenguaje, incluidas las respuestas abiertas y subconscientes. En otras palabras, los descubrimientos en la psicología social del lenguaje (es decir, los estudios de actitudes) se consideran parte de la lingüística popular, junto con los datos derivados de funciones operativas o del habla más consciente. Esta es una posición diferente de la que da la etiqueta de “lingüística popular / popular” a las respuestas más conscientes y las “actitudes del lenguaje” hacia otras que son relativamente más inconscientes (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003: xi).

PALABRAS-CLAVE: Lingüística popular; Dialectología perceptual; Lingüística aplicada.

1 Introdução

Este artigo trata da coleta e interpretação de dados em linguística popular, mas, como o título entre parênteses sugere, não se limita a qualquer noção pré-concebida de quais abordagens ou técnicas podem ser mais relevantes para a ampla variedade de preocupações no âmbito da linguística aplicada. Vou conceber a linguística popular amplamente aqui, incluindo não apenas os

comentários que os não linguistas fazem sobre os tópicos linguísticos, mas também, as reações que eles têm a variedades de linguagem e uso da linguagem, incluindo respostas abertas e subconscientes. Em outras palavras, as descobertas da psicologia social da linguagem (ou seja, estudos de atitude) são consideradas parte da linguística popular, juntamente com dados derivados de um discurso mais consciente ou de funções operacionais. Esta é uma posição diferente daquela que atribui o rótulo de “linguística folk/popular” a respostas mais conscientes e “atitudes de linguagem” a outras relativamente mais inconscientes (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003, p. xi). Também não há nenhuma pretensão aqui de que a linguística popular faça uso de estratégias interpretativas únicas. Seus dados quantitativos e qualitativos foram analisados a partir de estudos estatísticos, discursivos, de análise de conteúdo, estudos culturais e outros pontos de vista comuns.

Uso enfaticamente o termo *folk/popular* na linguística popular para me referir a todas as pessoas, exceto aos linguistas acadêmicos, da mesma forma que os linguistas seriam populares em um estudo de botânica popular, química popular etc. Definitivamente, não uso o termo para me referir a grupos rurais, marginalizados, menos educados ou romantizados ("pitorescos"). Somos todos *populares* quando entramos no mundo do conhecimento tradicional e das formas de comportamento fora de nosso próprio treinamento técnico. Mesmo assim, o conhecimento popular pode estar em ação quando modos mais subconscientes prevalecem, embora, como nas atitudes linguísticas dos linguistas, por exemplo, eles possam ser suprimidos de comentários abertos ou comportamentos pelo conhecimento profissional.

No entanto, desenvolveram-se técnicas de coleta e interpretação associadas à linguística popular as quais caracterizarei aqui como *tradicionais*, *operacionais*, *experimentais* e *discursivas*, embora seja difícil sempre as distinguir.

Os tradicionais dados populares em linguística vêm de um rico repositório de crenças embutidas em contos, ditos, rituais e práticas. Büld (1939) analisa a variação dialetal em parte com base em rotinas populares que envolvem imitações. Giles et al no intitulado "Falar é barato", mas "minha palavra é meu vínculo" (1991) obviamente tira sua motivação de ditos tradicionais. Uma área particularmente importante da crença linguística popular tradicional deriva das pressões da linguagem padrão sobre falantes de variedades não padronizadas e pode ser estudada em materiais educacionais, especialistas em mídia e outros veículos de cultura popular. Finegan (1980), Lippi-Green (1997) e Milroy e Milroy (1999) fornecem excelentes exemplos para a história e o status relativamente atual das variedades de inglês face a face ao chamado inglês padrão, conforme revelado em tais fontes, e Lodge (1993) é, particularmente, um bom exemplo de relato histórico de tais questões para o francês.

No nível da prática, a linguística popular pode ser indistinguível da etnografia da língua, na qual a investigação do status das línguas e das variedades linguísticas passou a ser conhecida como *ideologia da linguagem*; esta iniciativa visa mostrar que a forma como a linguagem é tratada nas práticas tradicionais de uma comunidade de fala pode ilustrar claramente as crenças e sistemas de crenças subjacentes (por exemplo, SCHIEFFELIN et al., 1998).

Ao discutir os métodos *operacionais*, vou me concentrar em várias técnicas de pesquisa associadas à *dialetologia perceptual*, um importante sub-ramo da linguística popular que foi intensamente utilizado em meados do século 20 entre

os holandeses e japoneses e que agora está passando por um renascimento mundial.

A seção sobre abordagens *experimentais* apresenta uma revisão de alguns dos primeiros métodos usados por psicólogos sociais para estudar atitudes de linguagem (por exemplo, o método *matched-guise* e termina com uma discussão de trabalhos mais recentes que usam manipulação sutil de audição (por exemplo, ressíntese de som) e estímulos visuais e registra as reações dos respondentes em monitoramento cronometrado e até mesmo rastreado com os olhos e imagens cerebrais.

A seção final sobre *métodos discursivos* caracterizará tentativas de registrar e analisar comentários sobre a linguagem e seu uso por não-linguistas, e conclui com uma revisão de uma variedade mais recente de investigações analíticas de discurso.

2 Abordagens tradicionais

As metodologias de coleta e interpretação de dados no estudo das crenças e práticas tradicionais no que diz respeito à linguagem são de dois tipos: a folclorística-literária e a antropológico-cultural.

2.1 Abordagens folclorísticas-literárias tradicionais

Na abordagem folclorística-literária, os dados são adquiridos de várias maneiras - desde entrevistas de campo e questionários à introspecção, até a extração de dados de várias fontes públicas, incluindo agora os ricos recursos da internet. As interpretações desses dados são, frequentemente, mas nem sempre, aquelas comuns aos estudos literários ou culturais: o intérprete, com um rico histórico de conhecimento cultural e histórico da comunidade (ou comunidades) de fala, fornece comentários perspicazes e generalizações sobre o significado e a importância dos dados.

Reddy (1979), por exemplo, examina a *metáfora do canal*, que, de acordo com Lakoff e Johnson (1980, p. 10), estrutura a linguagem tomando-a da seguinte forma: “ideias (ou significados) são objetos, expressões linguísticas são recipientes e a comunicação está sendo enviada”. Esta noção leiga de linguagem é derivada de metáforas populares como as seguintes:

É difícil **transmitir** essa ideia a ele. Suas razões **chegaram até** nós. É difícil **colocar** minhas ideias **em** palavras. Tente **embalar** mais pensamentos **em** menos palavras. Você simplesmente não pode **colocar** ideias **em** uma frase de qualquer maneira. Não **force** seus significados **em** palavras erradas. [etc ...] (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 11).

Embora Lakoff e Johnson continuem a ilustrar como a metáfora do canal não se alinha com as noções acadêmicas da linguagem, evidenciando como ela ignora características contextuais e interpretações alternativas de mensagens

com base nas identidades dos falantes, o exercício em si mostra como se pode derivar uma definição popular cultural dominante da metáfora popular.

Talvez mais interessante para as preocupações aplicadas seria a investigação de Lakoff e Johnson da noção popular expressa no argumento da metáfora da guerra, que eles derivam das seguintes metáforas populares:

Suas reivindicações são *indefensáveis*. Ele atacou todos os *pontos fracos* do meu argumento. Suas críticas acertaram *no alvo*. Eu *demoli* seu argumento. Eu nunca *ganhei* uma discussão com ele. [etc...] (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 4).

Eles também sugerem, entretanto, que tais metáforas de controle cognitivo não são universais culturais. Por exemplo, eles imaginam que uma metáfora igualmente convincente em outra cultura pode ser aquela em que o argumento é visto como uma dança:

[...] Os participantes são vistos como performers e o objetivo é atuar de forma equilibrada e esteticamente agradável. Em uma dada cultura, as pessoas veriam os argumentos de maneira diferente, os experimentariam de maneira diferente, os conduziriam de maneira diferente e fariam sobre eles de maneira diferente. Mas nós [italico no original] provavelmente não os veríamos como argumentadores; eles simplesmente estariam fazendo algo diferente (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 5).

Não levará muito tempo para um linguista no campo aplicado perceber que qualquer interesse em comunicações interculturais, seja inserido no ensino de uma segunda língua estrangeira, linguagem e política, ou muitas outras questões aplicadas, seria intensificado por tais informações comparadas da linguística popular.

Em outra abordagem, baseada fortemente em documentos da mídia, Finegan (1980) dá um relato da recepção pública à publicação de 1961 do *Webster's Third New International Dictionary*, uma publicação que, ao contrário de seus predecessores, usou cultura popular ou claramente fontes não-literárias em suas definições e citações de uso fornecidas que sancionaram ou apenas alertaram minimamente contra *shibboleths* de longa data (por exemplo, *ain't*/não é). Finegan examina e interpreta comentários de não-linguistas de uma ampla gama de fontes da mídia e identifica três temas principais - acusações de que o dicionário e seus apoiadores eram (1) científicos, (2) permissivos e (3) democráticos.

Para o primeiro, ele cita um professor de inglês, A. M. Tibbets: “Depois de um tempo, o estudo objetivo, 'científico' da linguagem corrompe um homem. Ele se torna menos um moralista ... e mais um pedante ... brincando com gravadores e outras bugigangas ...” [elipses em Finegan]. Ele também cita um professor de línguas moderno que aparentemente achou “insatisfatório separar o estilo e o gosto dos argumentos linguísticos... e como é restringir-se a descrever a composição química das cores usadas por Michelangelo sem referência ao seu efeito” (ambos citados em FINEGAN, 1980, p. 123). A noção popular que Finegan deriva desses e de outros comentários não linguísticos é

uma das “... alegadas abordagens mecânicas dos cientistas naturais e sociais” (ibid.), uma abordagem obviamente repleta de “bugigangas” e sem espaço para gosto.

A acusação de *permissividade* é baseada em noções populares ainda mais fortes e mais afastadas de preocupações acadêmicas ou estéticas. Finegan cita uma publicação da American Bar Association, na qual foi notado que “... abrir as comportas para cada palavra que é usada, não importa como ou por quem, e independentemente de sua propriedade, é como imprimir papel-moeda sem nenhum valor de compra” (FINEGAN, 1980, p. 123). Que a permissão linguística pode levar à perdição não é uma ideia nova no mundo anglófono. Graddol e Swann (1988) citam o ex-ministro do governo britânico Norman Tebbit:

Se você permitir que os padrões caiam ao ponto em que um bom inglês não é melhor do que um inglês ruim, onde as pessoas ficam sujas ... na escola ... todas essas coisas tendem a fazer com que as pessoas não tenham nenhum padrão, e quando você perde os padrões, não há necessidade de ficar fora do crime (elipses em GRADDOL; SWANN, 1988, p. 102).

Finalmente, Finegan observa que mesmo a democracia é condenada pelos detratores do dicionário. Ele cita o conhecido autor do manual de redação Sheridan Baker:

O bom inglês tem a ver com as classes superiores - e aí está o problema - com os líderes culturais e intelectuais, com a vida da mente em sua luta para se expressar em seu melhor intelectual. O relativismo linguístico tem uma base democrática fervorosa. 'Ciência' é apenas um rótulo antisséptico para a profunda crença social de que não devemos ter aulas, mesmo entre nossas palavras (citado em FINEGAN, 1980, p. 124).

Dou bastante espaço ao trabalho de Finegan, uma vez que ilustra bem que os nobres e bem-educados críticos do *Webster's Third New International Dictionary* foram, apesar de sua erudição, comentaristas populares no que diz respeito aos linguistas. No entanto, não os chamei apenas de comentaristas populares, pois as ideias que incorporam em seus comentários publicados são temas importantes na linguística popular (pelo menos nos Estados Unidos).

2.2 Abordagens antropológico-culturais tradicionais

Nas *abordagens antropológico-culturais*, os dados são mais frequentemente adquiridos por meio da observação de longo prazo ou da observação participante do comportamento local. Irvine (2001) deixa clara a motivação para tal investigação:

Participantes em alguma comunidade de discurso não são observadores inteiramente objetivos dos comportamentos uns dos outros. No entanto, seus próprios atos são profundamente influenciados por suas percepções e interpretações desses comportamentos. [...] Alguns dos aspectos mais importantes e interessantes da ideologia estão nos bastidores, em suposições que são dadas como certas - que nunca são explicitamente declaradas em qualquer formato que permitiria que também fossem explicitamente negadas (IRVINE, 2001, p. 25).

O principal exemplo dessa abordagem para a coleta e interpretação de dados linguísticos populares oferecido aqui é tirado das descrições dos estilos de fala javanesa e dos registros Wolof; o contraste entre os dois é detalhado em Irvine (1998). Em javanês, os estilos de fala mais prestigiados, e até mesmo a consciência da diferenciação do estilo de fala, são atribuídos à classe de elite tradicional (os *priyayi*) (IRVINE, 1998, p. 56). Esses estilos são calmos, ordeiros e não aqueles que mostram emoção (IRVINE, 1998, p. 57), mas, mais importante, eles são assim devido ao reconhecimento do falante do status do destinatário:

Os níveis de linguagem ... são pensados como um meio de proteger a equanimidade do destinatário, de evitar irritá-lo e de expressar polidez, atendendo aos desejos do destinatário e apagando os seus próprios. [É] uma conduta estilizada, despersonalizada ... porque esse é o ambiente comportamental que a "natureza" de um ser tão respeitado supostamente requer. (aspas no original, IRVINE, 1998, p. 57).

Em contraste, considere a diferenciação estilística entre o *speaker-centered* e o Wolof:

A terminologia metapragmática Wolof identifica, firmemente, os dois registros - 'a fala nobre' e 'a fala griot'. Na teoria popular que relaciona modos de falar a tipos de falantes, os registros tomam a forma que assumem porque pessoas de escalão superior e inferior [...] são ideologicamente atribuídas a certas características temperamentais, como afetividade e excitabilidade. Assim, 'fala nobre' é uma fala de afeto plano, enquanto 'fala griot' é um estilo de alto afeto, teatral e hiperbólico [...] (aspas no original, IRVINE, 1998, p. 57).

À primeira vista, pode-se descobrir que esses dois sistemas compartilham muito - um estilo prestigiado deferente, plano, livre de emoções e um de status menos prestigiado, emocional, mas, como Irvine aponta acima, o estilo javanês prestigiado incorpora características comportamentais atribuídas *ao destinatário*, enquanto as variedades Wolof refletem características comportamentais assumidas *do falante*. Qualquer trabalho em linguística aplicada (por exemplo, ensino de língua estrangeira ou segunda ou língua nativa não tradicional, política e planejamento linguísticos) que não levasse em consideração as diferentes ideologias refletidas nessas comunidades de fala pode se ver

tentando modificar sistemas de crenças fortemente arraigados e geralmente inconscientes.

Grande parte do trabalho interpretativo em tais estudos depende fortemente da noção de *indexicalidade* de Silverstein (2003). Simplificando, a *indexicalidade* marca aquelas classes gramaticais que sinalizam o falante e as identidades e associações contextuais. Tomando emprestado o exemplo Wolof de Irvine acima, se alguém fala no estilo desprestigiado (estilo *griot*), eles indexam seu status inferior, embora um falante de status mais prestigiado possa querer indexar uma situação ou aura de status inferior usando o estilo *griot* metaforicamente (IRVINE, 1998, p. 57).

Irvine e Gal (2000) dão um passo adiante no processo de indexação em um processo associativo que eles chamam de *iconização*: “a atribuição de causa e necessidade imediata a uma conexão (entre grupos linguísticos e sociais) que pode ser apenas histórica, contingente ou convencional” (IRVINE; GAL, 2000, p. 37). Em outras palavras, falantes de Wolof de baixo status usam a fala *griot* estimulante porque são (ao contrário dos nobres) pessoas excitáveis e, talvez mais importantes, a fala *griot* é vista como excitante porque os falantes típicos dela são excitáveis.

Para exemplificar isso com minha própria pesquisa, dizem que falantes sulistas do inglês americano falam devagar porque são lentos (mas hospitaleiros); falantes do norte (especialmente do norte urbano da costa leste) falam rápido porque são rápidos (e rudes e inóspitos). Por meio do processo de *iconicidade*, portanto, a própria fala lenta é vista como estúpida, mas amigável e a fala rápida reflete uma mente rápida, mas não uma atitude muito simpática. Portanto, muito da fala não-padrão é considerado ilógico sem base na lógica interna (ou mesmo matemática) - “dois negativos fazem um positivo”, como os linguistas populares de língua inglesa gostam de observar - uma vez que os falantes que proferem tais construções são considerados ilógicos. O fato de Labov ter apresentado um artigo amplamente reimpresso e citado sobre a separação da linguagem padrão e da expressão lógica em 1969 teve pouca ou nenhuma influência nessa correlação muito forte, pelo menos na linguística popular americana, mas suspeito que em muitos outros lugares também.

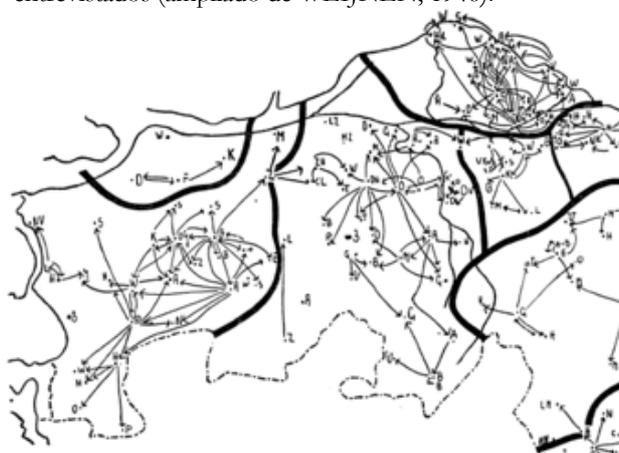
Pesquisadores na Linguística Aplicada farão bem em levar em consideração essas noções etnograficamente derivadas da Linguística Popular, talvez particularmente em ambientes de educação de língua nativa, nos quais a colocação de crianças em escolas e, até mesmo, em programas de educação especial pode refletir essas crenças fortemente arraigadas sobre inteligência e educabilidade com base nas relações icônicas entre linguagem e habilidade.

3 Abordagens operacionais

Embora existam muitas tarefas que podem lançar luz sobre as concepções populares da linguagem, vou me concentrar aqui na dialetologia perceptual (ou popular) - tentativas de aprender onde os não profissionais acreditam que a língua difere geograficamente. No mais antigo desses métodos, os entrevistados caracterizaram as áreas vizinhas com base em sua semelhança ou diferença com sua própria fala, e uma série de técnicas foram desenvolvidas na Holanda e no Japão em meados do século XX para inferir as fronteiras do

dialeto popular de tais respostas. Na Holanda, o *Pfeilchenmethode* ('método das flechas', por exemplo, RENSINK, 1955) foi usado, no qual uma flecha foi desenhada de uma área para outra quando um entrevistado na primeira disse que a fala da segunda área era a mesma que a sua própria. A Figura 1 mostra uma aplicação desta técnica; as linhas escuras e grossas são as divisões dialetais tradicionais (isto é, determinadas por especialistas), e as áreas perceptivas podem ser derivadas de grupos de locais conectados por setas.

Figura 1. A seção mais a oeste de *North Brabant*, mostrando limites dialetais determinados linguisticamente (linhas grossas) e as "flechas" de similaridade das percepções dos entrevistados (ampliado de WEIJNEN, 1946).

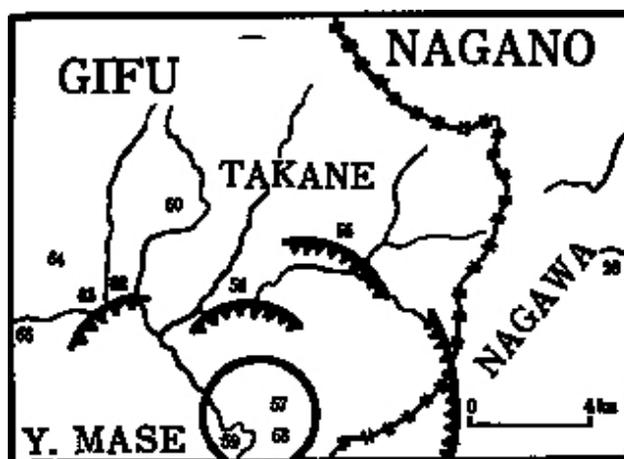


Curiosamente, existem pouquíssimos casos em que as flechas de percepção cruzam os limites do dialeto determinados linguisticamente, mas existem muitos casos dentro dessas regiões onde os entrevistados não desenham flechas, ou seja, onde eles não reconhecem a fala de um local próximo como semelhante.

Essa abordagem é realizada em Rensink (1955) em um mapa de todas as áreas de percepção holandesas e posteriormente elaborado por Daan (1970), que desenvolveu um único mapa baseado em dados de percepção e produção para áreas de língua holandesa. Kremer (1984) é outro estudo interessante com flechas sobre a percepção de variedades por falantes de alemão e holandês dentro e fora das fronteiras nacionais.

No Japão, métodos ligeiramente diferentes foram desenvolvidos na realização de mapas a partir de julgamentos de entrevistados, mostrados aqui em um estudo na região dos alpes no Japão. Mase (1964) mapeou pela primeira vez as respostas a duas perguntas:

Figura 2. Os limites do dialeto subjetivo indicados por um entrevistado do local # 57 (Mase 1964 [1999]).



Quais locais têm o mesmo som e quais são um pouco diferentes do local inicial do entrevistado? A Figura 2 mostra como ele mapeia os resultados.

O entrevistado em # 57 na Figura 2 identifica # 58 e # 59 como iguais, mas indica que # 62, # 63, # 56, # 55 e vários locais em Nagawa são um pouco diferentes. Os falantes de # 58 e # 59 concordam que suas próprias regiões são semelhantes entre si e # 57 e que os mesmos locais em Nagawa são um pouco diferentes. Embora não seja mostrado na Figura 2, os entrevistados das áreas vizinhas classificam os números #57, #58 e #59 juntos. Em suma, a área do dialeto perceptivo composta por esses três locais é baseada em percepções recíprocas mais complexas de similaridade, em percepções semelhantes de graus menores de diferença e na percepção das áreas circundantes de sua semelhança entre si. Outras técnicas japonesas para determinar as noções de similaridade e diferença de fala dos entrevistados incluem Grootaers (1964), Nomoto (1963) e Sibata (1959).

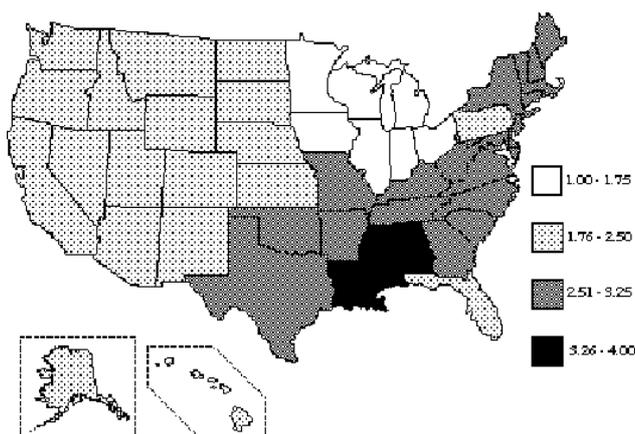
O mapeamento das noções populares de similaridade e diferença surgiu em estudos mais recentes, nos quais os entrevistados são solicitados a determinar diferenças entre áreas como estados ou outras zonas regionais ou políticas pré-selecionadas pelo pesquisador.

Por exemplo, Preston (1996, p. 317-320) usou uma escala de quatro pontos para classificações de "grau de diferença" (1 = igual, 2 = ligeiramente diferente, 3 = diferente e 4 = ininteligivelmente diferente) para os cinquenta estados dos Estados Unidos, Nova York e Washington, DC. A Figura 3 é um mapa derivado de tais classificações por moradores do sudeste de Michigan, mostrando esses quatro graus de diferença-similaridade.

Esses estudos mais recentes fazem uso de técnicas estatísticas sofisticadas para representar o grau de diferença ou similaridade percebida por diferentes grupos de entrevistados ou a variabilidade interna de características como sexo, idade e etnia. Estudos semelhantes de grau de diferença foram realizados em outras áreas dos Estados Unidos e na França (KUIPER, 1999), na Turquia (DEMIRCI; KLEINER, 1999), no Canadá francófono (EVANS, 2002),

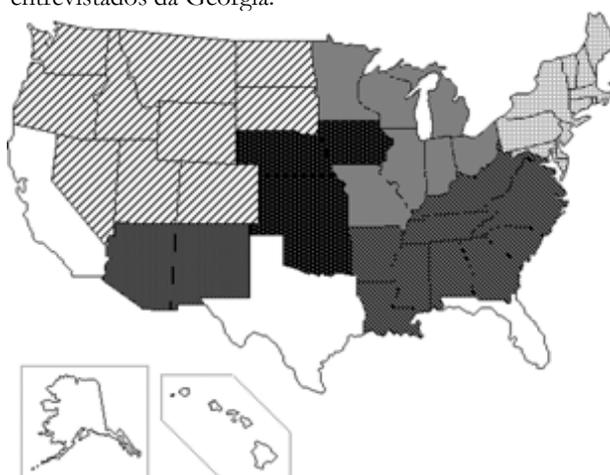
na Suíça (L'EPLATTENIER-SAUGY, 2002) e na Espanha (MORENO FERNÁNDEZ; MORENO FERNÁNDEZ, 2002).

Figura 3. Grau médio de classificações de diferença para entrevistados de Michigan (N = 147) .



Fonte: Preston (1996, p. 318).

Figura 4. Análise de cluster (em 0,25) da conclusão de uma tarefa de classificação de pilha por similaridade pelos entrevistados da Geórgia.



Fonte: derivada de Tamasi (2003, Figura 4.3, p. 66).

Tamasi (2003) fornece uma técnica opcional emprestada da antropologia cognitiva, chamada *pilesort*; os entrevistados se distribuem em quantas pilhas quiserem nas regiões cujos dialetos eles acham que são os mesmos. Mapas desses tipos de pilha com base em análises de agrupamento (*cluster*) permitem a especificação de agrupamentos em diferentes níveis de concordância. A Figura 4, que representa um nível de concordância de 0,25 para seus entrevistados da Geórgia, mostra claramente que vários estados - Califórnia, Havaí, Alasca,

Flórida e Texas - são vistos como áreas de dialeto único ou que não há concordância suficiente para alinhá-los outras áreas. O restante do país foi classificado em seis zonas neste nível de concordância.

Outra abordagem da dialetologia perceptual foi elaborada a partir da técnica da geografia cultural conhecida como *mapa mental* (por exemplo, Gould e White 1974), em que os entrevistados são solicitados a desenhar seus próprios mapas, neste caso, de onde eles acham que existem dialetos diferentes. A palavra *dialeto*, entretanto, é evitada assiduamente na pesquisa em linguística popular, uma vez que, pelo menos nas áreas anglófonas, ela sempre sugere não-padronização, e não simplesmente uma distribuição por área. A Figura 5 é um mapa típico desenhado à mão de uma área de fala, neste caso por um entrevistado de Chicago, Illinois, que foi solicitado a delinear e etiquetar, em um mapa dos EUA contendo apenas divisas estaduais, as áreas dos EUA onde as pessoas falavam de maneira diferente.

Figura 5. Mapa de um jovem homem de Chicago das áreas de fala dos EUA.



Fonte: Preston (1996, p. 307).

Embora a tarefa seja operacional, uma abordagem à interpretação espelha a abordagem dos estudos culturais delineada acima para dados de ocorrência natural. A Figura 5 mostra que os californianos são “festeiros desleixados de classe alta” e a fala tem um “som arrogante” e o inglês havaiano é identificado como “gíria”. Todo o estado de Nova York está circulado, embora o comentário associado a ele se refira a apenas uma parte da cidade de Nova York (“Gíria péssima e terrível do Bronx”). A seleção de Chicago, Illinois (onde há fala normal) e Detroit, Michigan (onde o entrevistado identifica uma grande população afro-americana) também oferece oportunidades para interpretação histórica, social e cultural.

Embora esses mapas individuais possam ser etnograficamente interessantes, talvez sejam idiossincráticos; em um trabalho perceptual posterior, muitos mapas foram, portanto, combinados para revelar as descobertas da comunidade de fala. Essas combinações foram feitas primeiro traçando todos os limites dos entrevistados para uma única área em um mapa e registrando as

correspondências. A Figura 6 mostra esse mapa dos contornos da área do dialeto Tohoku (na parte mais ao norte de Honshu, a ilha principal do Japão), desenhado por 60 entrevistados da Prefeitura de Aichi (também em Honshu, mas bem ao sul de Tohoku, entre Tóquio e Osaka). A Figura 7 mostra os resultados da combinação das linhas correspondentes mais frequentes. Todos os sessenta entrevistados concordam que o dialeto Tohoku é falado na área em preto sólido mais ao norte, mas na área logo ao sul deste total concordância, o leste é considerado mais parecido com Tohoku (50 de 59 entrevistados) em oposição ao oeste (apenas 40 de 49).

Esta técnica de combinar várias linhas desenhadas à mão para determinar um limite de área de fala percebida foi usada em uma série de estudos, incluindo Preston (1981, 1986, 1989a, 1989b), Dailey-O'Cain (1999), Kuiper (1999), Evans (2002), Benson (2003) e Montgomery (2007).

Uma abordagem ligeiramente diferente para generalizar as linhas traçadas pelos entrevistados é feita por Inoue (1996) que, ao determinar os limites do dialeto popular da Inglaterra, descobre quais condados foram incluídos pelos entrevistados em sua tarefa de desenho de linhas e, em seguida, prepara um mapa mental nessa base. Se zonas políticas ou outras zonas dentro da área a ser estudada forem pequenas o suficiente ou puderem ser facilmente divididas em subzonas, esta abordagem pode ser uma alternativa viável para traçar os caminhos precisos de linhas individuais e determinar onde elas se agrupam. Em seu estudo de mapas mentais da divisão do dialeto coreano, Long e Yim (2002) acharam esta segunda abordagem preferível, uma vez que quase todos os seus entrevistados traçaram linhas ao longo das fronteiras provinciais.

Em outra técnica desenvolvida por Preston e Howe (1987), os contornos das áreas foram traçados em um teclado de digitalização e as porcentagens de concordância do entrevistado foram calculadas sobre os limites.

Figura 6. Um mapa mostrando os limites de 60 entrevistados de Aichi para a área do dialeto de Tohoku.



Fonte: Long (1999 p. 180).

A Figura 8, por exemplo, mostra os resultados de tal procedimento computacional para 147 mapas desenhados à mão de regiões do dialeto dos Estados Unidos, fornecidos pelos entrevistados do sudeste de Michigan, quando um critério de concordância de 50% é usado. Essa abordagem computacional foi utilizada, com adaptações aos territórios locais, por Long (1999), Long e Yim (2002), Montgomery (2007), Cramer (2010) e Evans (2010a).

Alguns trabalhos mais recentes na tradição do mapa mental enfocam os limites de concordância da perspectiva de um número maior de entrevistados de uma única área. Isso permite testar diferenças demográficas sociolinguísticas típicas dentro de um grupo de entrevistados. Demirci (2002), por exemplo, compara mapas desenhados à mão de áreas de dialeto turco por gênero e os considera significativamente diferentes.

Uma abordagem final à percepção popular de variedades regionais tem a ver com a identificação de áreas. Preston (1996) pediu aos entrevistados do sudeste de Michigan que ouvissem amostras de fala gravadas em fita, cuidadosamente selecionadas para evitar a gramática ou palavras regionais, de homens de meia-idade, europeus-americanos, com ensino superior. A Figura 9 mostra os locais onde as vozes foram gravadas.

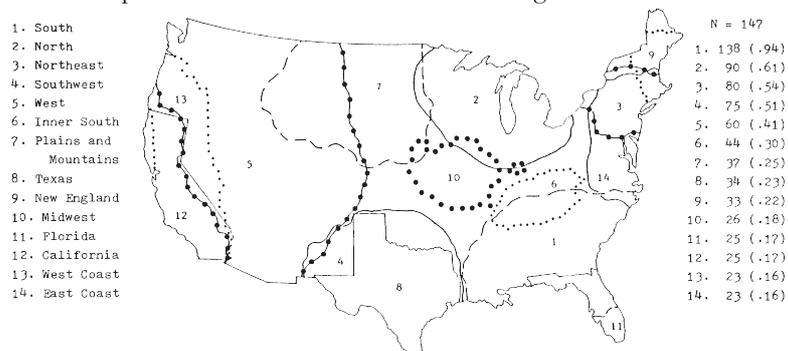
A Figura 10 mostra uma análise de *cluster* (distância euclidiana, método de ligação única ['vizinho mais próximo']) dos resultados desta tarefa.

Figura 7. Um mapa composto de mapas desenhados à mão de 60 entrevistados de Aichi da área do dialeto Tohoku.



Fonte: Long (1999, p. 183).

Figura 8. Um mapa gerado computacionalmente das áreas de dialeto dos EUA representado em pelo menos quinze por cento de 147 mapas desenhados à mão (em um nível de concordância de cinquenta por cento) fornecidos pelos entrevistados do sudeste de Michigan.



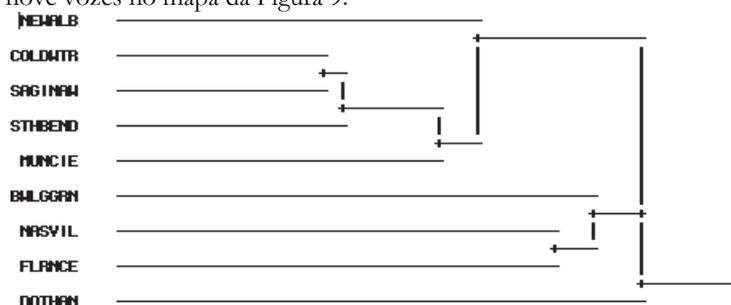
Fonte: Preston (1996, p. 305).

Figura 9. Os nove locais (numerados) nos EUA aos quais os entrevistados atribuíram às nove vezes.



Fonte: Preston (1996, p. 305).

Figura 10. Análise de *cluster* da localização do sul de Michigan de nove vozes no mapa da Figura 9.



Esses resultados da análise de *cluster* (que são essencialmente os mesmos que as ligações mostradas em um teste post-hoc de Tukey nos mesmos dados) podem sugerir acuidade popular considerável na colocação de amostras de fala. As vozes mais ao norte (Coldwater e Saginaw) são ligadas primeiro (ou seja, unidas com um '+', mais à esquerda na Figura 10), mostrando uma forte associação; este par é então ligado a South Bend, a próxima voz ao sul, então este grupo de três está ligado a Muncie, a próxima voz ao sul, mas então esses quatro ao norte e ao centro do território estão ligados a New Albany. Em uma geografia dialetal especializada (não-popular), New Albany seria primeiro vinculada aos locais ao sul dela (Bowling Green e Nashville) antes de ser vinculada à configuração do norte.

Há também um agrupamento do sul, mas não tão forte quanto o do Norte, como revela o fato de as ligações serem mais à direita. Primeiramente Nashville e Florence estão ligadas; então, eles estão ligados a Bowling Green, embora, como sugerido acima, uma dialetologia tradicional provavelmente teria primeiro ligado New Albany, Bowling Green e Nashville e, talvez, depois, esses três a Florença. O fato surpreendente para estudantes de variedades americanas, no entanto, é que Dothan, a voz mais meridional, não está ligada ao aglomerado sul de Bowling Green-Nashville-Florence. Esse aglomerado do sul está ligado primeiro ao grande grupo do norte antes que todos os oito sejam finalmente ligados a Dothan. Talvez Dothan seja foneticamente tão sulista (é a única com /r/ não vozeado, embora apenas de forma variável) que todas as outras variedades sulistas estão vinculadas a tudo ao norte antes dela ser incluída. Isso não satisfaria os dialetologistas especializados, uma vez que muitas características do sul (por exemplo, monotongação de /aɪ/, contração /ɪ/ - /ɛ/ antes das nasais) seriam compartilhadas por todas as vozes de New Albany a Dothan. O agrupamento perceptivo nos ensina quais características são salientes e como a variedade mais meridional do inglês dos Estados Unidos é distinta para os não linguistas.

Trabalhos mais recentes em identificação de área usaram outras estratégias de coleta, exibição e interpretação. Montgomery (2007), por exemplo, pede aos entrevistados de vários locais no norte da Inglaterra que identifiquem amostras de voz de todo o país marcando em um mapa de onde eles acham que a voz é. Ele então mostra, no que ele chama de diagrama de "explosão estelar", a relação de cada colocação popular com o local real da voz da amostra. Essa técnica acaba com a linearidade de escolha forçada usada em Preston (1996).

A dialetologia perceptual é o foco de várias antologias recentes: Preston (1999a), Long e Preston (2002), Cini e Regis (2002), D'Agostino (2002) e Anders et al. (2010).

O que o linguista no campo aplicado pode obter com esses estudos? Primeiro, se o praticante trabalha em uma comunidade de fala desconhecida, as crenças sobre todas as variedades, regionais e outras, serão úteis de maneira geral. Especificamente, por exemplo, ele ou ela podem evitar características ou mesmo referências a regiões que tenham uma reputação local de não padronização ou de inadequação. Claro, no campo aplicado, o linguista também pode gostar de nutrir uma relatividade linguística mais saudável, mas isso seria extremamente difícil de fazer sem o conhecimento das crenças locais sobre variedades. De igual importância, certamente se desejaria saber quais variedades foram ouvidas como semelhantes entre si ou como representativas de uma região. Na verdade, como alguém que planeja um idioma ou que formula políticas linguísticas poderia passar sem a informação de que as pessoas da região B disseram que sua variedade era "a mesma" daquela falada na Região A, enquanto os da Região A disseram que a sua variedade era completamente diferente da de B? Essa é exatamente a situação que Wolff (1959) encontrou na Nigéria, quando uma população B queria incorporar o território de A ao seu, mas os falantes do território A queriam manter a independência.

Muitos dos programas orientados a tarefas que caracterizei aqui também podem ter sido classificados como experimentais, e me volto agora para essa tradição na linguística popular.

4 Abordagens experimentais

Quando Hoenigswald pediu mais atenção à linguística popular, ele não ignorou "... como as pessoas reagem ao que acontece ..." (1966, p. 20), e isso coloca o assunto das atitudes linguísticas firmemente no campo linguístico popular. A avó das abordagens experimentais para as atitudes de linguagem é a técnica do *matched-guise* (por exemplo, LAMBERT et al., 1960); nela o pesquisador oferece duas amostras de áudio da mesma pessoa que fala duas línguas ou variedades diferentes; na versão de 1960, o falante era fluente em francês e inglês, mas as vozes de estímulo do mesmo falante eram separadas por outras vozes, de forma que os entrevistados não tinham ideia de que estavam ouvindo o mesmo falante duas vezes. Os entrevistados então classificaram cada amostra de voz em uma escala Likert para características como "rápido-lento", "amigável-hostil", etc. Idealmente, esses pares devem ser eliciados da comunidade onde a avaliação de escuta será feita. Pouco depois do original Lambert et al. no estudo de 1960, amostras de diferentes falantes foram introduzidas (tecnicamente não eram mais testes de *matched-guise*), mas a técnica permaneceu a mesma. Tucker e Lambert (1969), por exemplo, compararam as respostas de brancos e afro-americanos a muitas variedades do inglês dos Estados Unidos (diferenciadas por etnia e região). Grande parte desse trabalho é resumida e exemplificada em Ryan e Giles (1982).

O achado mais consistente nesses estudos, revelado principalmente por tratamentos analíticos de fator das classificações opostas emparelhadas, foi que os entrevistados tendiam a classificar as amostras de voz em duas dimensões principais: status (conforme revelado por classificações em pares como

"inteligente-não inteligente") e solidariedade (conforme revelado por classificações em pares como "amigável-hostil") (RYAN et al. 1982, p. 8).

Em grande parte do trabalho realizado nesta tradição, a tentativa tem sido ver como as diferentes variedades são avaliadas quanto ao status e solidariedade e como os diferentes entrevistados (e subgrupos de entrevistados) diferem em suas avaliações. A seguir, fornecerei um exemplo de tal trabalho derivado da pesquisa sobre dialetologia perceptual relatada acima. As Figuras 5 e 8 mostram, por exemplo, que os entrevistados norte-americanos confrontados com a tarefa de desenhar áreas de dialeto estão respondendo a algo diferente dos limites geográficos da fala. Em primeiro lugar, como alguns dos rótulos na Figura 5 deixam claro, nem todas as áreas são consideradas iguais no que os psicólogos sociais chamariam de dimensão de status ("A *fala sulista* é o pior inglês na América"); segundo, nem todas as áreas foram destacadas com tanta frequência quanto algumas outras; A Figura 8 mostra, por exemplo, que das 147 pessoas que desenharam os mapas do sudeste de Michigan, 138 (94%) traçaram um limite em torno de uma região de fala do sul e apenas 90 (61%) em torno da área residencial. A área ao redor da cidade de Nova York (área 3 na Figura 8) ficou em terceiro lugar com 80 entrevistados (54%). Essas descobertas, juntamente com o conhecimento do pesquisador sobre os estereótipos linguísticos da área, sugerem fortemente que pelo menos a dimensão do status dos estudos de atitude de linguagem estava em ação aqui também.

Para investigar isso mais a fundo e para incluir a dimensão da solidariedade, os entrevistados de várias áreas dos Estados Unidos foram solicitados a classificar os 50 estados, Nova York e Washington, D.C. quanto à *correção* e *agradabilidade*. Um grupo do norte (todos do sudeste de Michigan) descobriu que seu próprio estado era exclusivamente correto, mas a alta agradabilidade era compartilhada com vários outros estados, e o núcleo de *agradabilidade* não era tão alto quanto o de *correção*. Um grupo do sul (principalmente do Alabama) não encontrou nenhuma área especialmente correta, mas classificou seu próprio estado e alguns outros vizinhos como excepcionalmente agradáveis (e descobriu que alguns estados do norte eram particularmente desagradáveis) (PRESTON, 1996, p. 310-317).

Minha interpretação inicial dessas descobertas sugeriu que os entrevistados tinham dois tipos de investimento em linguagem. Eles eram orientados para o status (como os naturais de Michigan) e prestavam menos atenção aos fatores de solidariedade, ou eram orientados para a solidariedade (como os sulistas) e prestavam menos atenção ao status (PRESTON, 1996, p. 317). E se

1. as áreas cognitivamente mais robustas, conforme determinado pelo mapa mental, foram apresentadas (em vez de estados e duas cidades), e
2. uma lista determinada pela comunidade de atributos opostos foi apresentada para os entrevistados usarem para avaliação?

Em um estudo de acompanhamento realizado apenas no sudeste de Michigan, foi usado um protocolo totalmente compatível (exceto que foram apresentados estímulos de voz para uma única pessoa). Primeiro, os entrevistados do sudeste de Michigan viram uma versão simplificada da Figura

8, o mapa mental generalizado dos dialetos dos Estados Unidos do ponto de vista de Michigan. Em segundo lugar, eles foram solicitados a caracterizar essas áreas da fala da maneira que desejassem. Os rótulos mais frequentes extraídos foram então organizados como pares opostos:

devagar-rápido
 erudito-rude
 esnobe - humilde
 educado - sem educação
 normal - anormal
 inteligente - burro
 formal - casual
 Inglês ruim - Inglês bom
 amigável - hostil
 nasal - não nasal
 fala arrastada - fala não-arrastada
 fala com sotaque - fala sem sotaque (PRESTON, 1999b, p. 363)

Os resultados deste estudo para o norte (área 2 na Figura 8) e o sul (área 1 na Figura 8) são mostrados na Tabela 1.

Tabela 1. Classificações do Norte e do Sul para doze pares de descritores em uma escala de 1 a 6 (* indica as únicas duas pontuações adjacentes que são significativamente diferentes e ‡ indica classificações negativas.).

South			North		
Rank	Attribute	Mean	Rank	Attribute	Mean
1	Casual	4.66	1	No drawl	5.11
2	Friendly	4.58	2	No twang	5.07
3	Down-to-earth	4.54	3	Normal	4.94
4	Polite	4.20	4	Smart	4.53
5	Not nasal	4.09	5	Good English	4.41
		*	6	Down-to-earth	4.19
6	Normal [Abnormal]	‡3.22	7	Fast	4.12
7	Smart [Dumb]	‡3.04	8	Educated	4.09
8	No twang [Twang]	‡2.96	9.5	Friendly	4.00
9	Good English [Bad Eng.]	‡2.86	9.5	Polite	4.00
10	Educated [Uneducated]	‡2.72	11	Not nasal	3.94
11	Fast [Slow]	‡2.42	12	Casual	3.53
12	No drawl [Drawl]	‡2.22			

Fonte: (PRESTON, 1999b, p. 366).

Essas descobertas lançam uma luz muito mais clara sobre a avaliação do status e da solidariedade em relação à região. Esses nortistas se consideram superiores por não ter fala arrastada ou com sotaque e também superiores nas escalas de status de "normal", "inteligente" e "bom inglês". Sabíamos disso a partir do estudo de classificação estadual, mas este estudo mais detalhado mostra que esses avaliadores do norte na verdade consideram a fala do sul superior nas escalas de solidariedade de "casual", "amigável", "humilde" e "educado". Isso revela uma insegurança linguística que os estudos simples de classificação

estadual de agradável e correto não revelavam: os nortistas acham que sua fala está ausente na função de solidariedade (PRESTON, 1999b).

A pesquisa de atitude linguística, se totalmente considerada aqui, pode tornar esta pesquisa duas vezes mais longa, mas não há dúvida sobre a consciência dos entrevistados populares de categorias além da região, padronização e solidariedade. Em abordagens mais recentes, no entanto, os detalhes linguísticos, em vez do estilo geral de fala usado no trabalho psicológico social anterior (por exemplo, GILES; BOURHIS, 1976), veio à tona. Os entrevistados populares mostraram ser sensíveis a características específicas nas variedades de linguagem (por exemplo, GRAFF; LABOV; HARRIS, 1986; PURNELL; IDSARDI; BAUGH, 1999), e em grande parte deste trabalho a sofisticação das ciências da fala e a fonética acústica foi reproduzida em grande parte, uma vez que os traços fonológicos têm sido os mais frequentemente investigados.

Plichta e Preston (2005) selecionou um estereótipo de fala do sul dos EUA bem conhecido (monotongação de /ay/) e resintetizou uma amostra da palavra guia para que aumentasse a monotongação em sete etapas regulares a partir de uma forma totalmente ditongada ([aɪ]) para um totalmente monotongada ([a:]).

Tabela 2. Pontuações médias com base em valores regionais atribuídos a cada etapa das versões cada vez mais monotongadas de /a/.

Step	Mean	Region
		1 Saginaw
1	2.85	2. Coldwater
2	3.17	3. South Bend
3	3.87	4. Muncie
4	4.89	5. New Albany
5	5.99	6. Bowling Green
6	6.58	7. Nashville
7	7.02	8. Florence
		9. Dothan

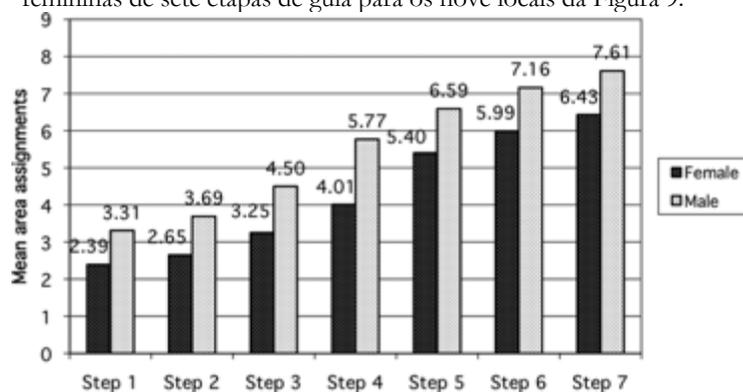
Fonte: Plichta e Preston (2005, p. 121).

As sete amostras de voz (uma masculina e uma feminina) foram reproduzidas três vezes em cada uma das sete etapas para um total de quarenta e dois julgamentos. Em cada caso, o entrevistado deveria atribuir a palavra a um dos nove lugares mostrados na Figura 9. Os lugares foram numerados de um a nove (Saginaw a Dothan) para que uma base numérica pudesse ser usada para verificar se o grau de monotongação foi percebido pelos entrevistados (de todos os EUA, N = 96) como um traço cada vez mais sulista. A Tabela 2 mostra os resultados.

Um teste post-hoc ANOVA² mostra que cada uma dessas pontuações médias é significativamente diferente de todas as outras, revelando uma sensibilidade considerável a mudanças fonéticas muito pequenas e mostrando muito claramente uma associação entre a monotongação e a percepção dos entrevistados mais sulistas.

Em cada uma dessas sete etapas, no entanto, houve também uma diferença significativa (com base em testes independentes) entre os escores da voz masculina e feminina (Figura 11).

Figura 11. Atribuição de amostras monotongadas masculinas e femininas de sete etapas de guia para os nove locais da Figura 9.



Fonte: Plichta e Preston (2005, p. 121).

A voz feminina, no mesmo grau de monotongação que a masculina, sempre tem uma pontuação mais baixa (ou seja, "mais do norte"). As mulheres são consideradas na literatura sociolinguística como falantes mais convencionais (TRUDGILL, 1972), mas esta descoberta nos diz que este é também um estereótipo popular, pois os entrevistados consideraram a voz feminina como "mais do norte", um fato real caricaturalmente considerado como "mais padrão" na linguística popular americana (PRESTON, 1996, e acima).

Talvez o mais importante sobre esta pesquisa seja sua separação completa do conhecimento linguístico popular aberto. Aqui estão dois comentários de entrevistados sobre a tarefa:

Eu não faço pesquisas normalmente. ... Infelizmente, depois de fazer a amostra. [sic] Eu percebi que não tenho ideia. Minha ignorância só pode comprometer suas descobertas. Se eu tivesse uma versão impressa da palavra antes de ouvir, Eu poderia ter tido ao menos uma mísera chance...

Acabei de fazer a pesquisa linguística da web e continuei, embora não tivesse a menor ideia. Como alguém, exceto os caixeiros-viajantes, pode ter alguma familiaridade com esses dialetos regionais? Quem é

² N.T.: Anova - Método baseado na análise de variâncias amostrais com a finalidade de testar a igualdade de três ou mais médias populacionais; post-hoc estabelece se há distinção entre pares das médias populacionais.

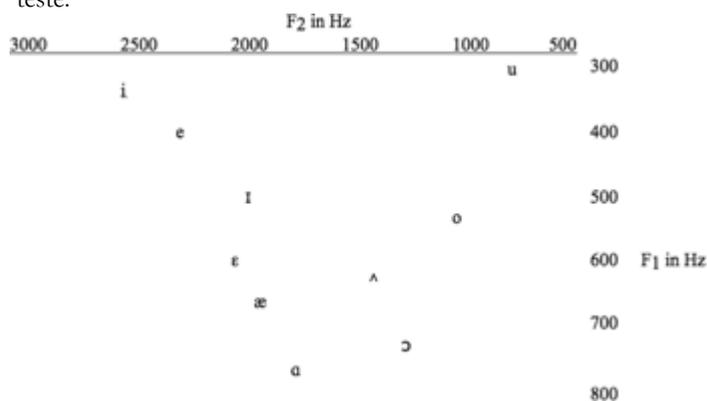
um "bom entrevistado" em oposição a alguém como eu, que geralmente adivinha de forma tripartida: norte, meio, sul? Fiz uma parada em Indianápolis uma vez, durante a qual fiquei tão impressionado com o sotaque de uma garçonete de dezesseis anos que sempre me lembrei da dificuldade de entendê-la, mas tenho certeza de que não me lembrava da voz dela.

Espero que sua pesquisa produza algo de valor, mas estou curioso para saber como você pode chegar lá se outros entrevistados são tão ignorantes quanto eu! (PLICHTA; PRESTON, 2005, p. 126).

Grande parte do trabalho fonético na percepção popular é exatamente assim: os entrevistados não podem dar uma explicação consciente das características envolvidas, mas procedimentos experimentais mostram que eles são muito sensíveis a elas.

Em alguns casos, em vez de revelar a sensibilidade popular à variedade, como o faz a relação entre sexo e padronização, os experimentos também mostraram a incapacidade popular de fazer tais distinções. Niedzielski (1999) relata sobre quarenta e dois entrevistados do sudeste de Michigan que foram solicitados a ouvir a voz gravada de um locutor local (cuja identidade de Michigan foi indicada); eles foram instruídos a se concentrar na vogal que ouviram em palavras específicas e a comparar essa vogal a um conjunto de três vogais resintetizadas (a partir dos dados do mesmo falante). Em seguida, eles foram solicitados a escolher aquele que melhor correspondia ao original. O espaço vocálico do falante é mostrado na Figura 12.

Figura 12. Espaço vocálico da falante feminina de Detroit na fita de teste.



Fonte: modificado de Niedzielski (1999, p 65)

Esta falante é influenciada por uma rotação de vogais no interior do norte dos Estados Unidos, conhecida como a mudança *Northern Cities Shift*: o F1 para ela / æ / está em cerca de 700 Hz; o normal para mulheres falantes do inglês americano (segundo Peterson e Barney, 1952, p. 183) deveria ser consideravelmente mais baixa, em torno de 860 Hz. Seu / ɑ / também é direcionado para F2 1775 Hz, enquanto o normal Peterson e Barney é 1220 Hz.

O alçamento de / æ / e a anteriorização de / a / são geralmente considerados os primeiros dois passos da mudança (LABOV, 1994, p. 184).

Niedzielski examinou a classificação dos entrevistados sobre a / æ /-palavra em 'last'. As frequências de formantes para os três tokens resintetizados que os entrevistados tiveram de escolher na tarefa de correspondência são mostradas na Tabela 3.

Tabela 3. Valores de formantes de tokens oferecidos aos entrevistados para combinar com a vogal na pronúncia do falante de 'last'.

Token #	F1	F2	label
1	900	1530	hyper-standard
2	775	1700	canonical
3	700	1900	actual token (see Figure 11)

Fonte: Niedzielski (1999, p. 74).

Os resultados deste experimento de correspondência são mostrados na Tabela 4.

Tabela 4. Resultados de correspondência do entrevistado para a vogal em 'last'

token	1	2	3	Total
	hyper standard 10%	canonical /æ/ 90%	actual token 0%	
n=	4	38	0	42

Fonte: adaptado de Niedzielski (1999, p. 72).

Nenhum dos entrevistados escolheu o token # 3, a variante que correspondeu ao primeiro produzido pelo falante. Em vez disso, eles escolheram predominantemente o token inferior e mais central, # 2. Alguns entrevistados até escolheram o token hiper-padrão.

Este trabalho mostra um descompasso considerável entre percepção e realidade acústica. Os entrevistados relataram que ouviram um colega falante de Michigan (identificado de forma importante como tal) usar as formas canônicas (ou "pré-mudança") de vogais, em vez das mudadas realmente usadas. Por que esses entrevistados são tão imprecisos nesta tarefa?

Quando esses entrevistados são apresentados a dados de um falante que eles pensam ser um colega de Michigan, o estereótipo do inglês de Michigan como padrão emerge (ver, por exemplo, PRESTON, 1996, e a avaliação do status da fala de Michigan pelos habitantes locais relatados acima). Como resultado desse estereótipo popular, o entrevistado seleciona a vogal "padrão" na tarefa. Parece que os falantes linguisticamente seguros podem alterar seus sistemas perceptuais e até de produção com certa facilidade, uma vez que não podem conceber que seu próprio desempenho (ou o de outros como eles) se desvie de um padrão (ou seja, suas normas). Naturais de Michigan são tão seguros

linguisticamente que até parecem recalibrar acusticamente as vogais das pessoas ao seu redor e evitar perceber mudanças ou diferenças.

Outra técnica da linguística popular, e subutilizada em minha opinião, tem a ver com as imitações da variedade da linguagem e sua recepção. Evans (2010b), por exemplo, mostra como um falante do inglês do norte dos Estados Unidos imita com bastante precisão algumas das características vocálicas detalhadas de uma variedade mais do Sul em uma tarefa na qual foi instruído a simplesmente ler um texto curto dessa variedade. Quando sua performance foi tocada junto com a de três autênticos locais (e muitas vezes de preenchimento não-locais), ele empatou com um dos locais e superou os outros dois em classificações de identidade local obtidas de falantes locais. Esta proficiência imitativa popular é bastante surpreendente, pois a avaliação linguística usual de tal habilidade é baixa:

Embora se possa alcançar uma certa quantidade de insight trabalhando com informantes bilíngues, é duvidoso se tanto pode ser dito sobre informantes "bidialetais", se de fato tais falantes existem. Não encontramos nenhum falante fora do padrão que obteve bom controle de um idioma padrão e ainda reteve o controle do vernáculo fora do padrão. As diferenças de dialeto dependem de regras de baixo nível que aparecem como pequenos ajustes e extensões de condições contextuais etc. Parece que tais condições interagem inevitavelmente, e embora o falante possa de fato parecer estar falando o vernáculo, um exame atento de sua fala mostra que sua gramática foi fortemente influenciada pelo padrão. Ele pode ter sucesso em convencer seus ouvintes de que está falando o vernáculo, mas essa impressão parece depender de uma série de sinais assistemáticos e fortemente marcados (LABOV, 1972, p. 215).

Purschke (2010) pediu aos falantes Hessianos tradicionais que suprimissem os elementos hessianos em sua fala e pediu aos falantes não hessianos que imitassem o hessiano. Embora os hessianos não conseguissem soar não-hessianos, suas imitações eram o que Purschke chama de "novo hessiano", a variedade da área de Frankfurt que tem muitos traços hessianos distintos, mas, do ponto de vista dos falantes vernaculares mais antigos, pode representar uma variedade não Hessiana ou mais amplamente distribuída. Essa era exatamente a variedade a que os não-Hessianos tinham acesso, e suas imitações do Hessiano eram muito parecidas com o que os autênticos Hessianos faziam quando solicitados a falar não-Hessiano (164). Quando solicitados a identificar a localidade dos falantes, no entanto, os entrevistados Hessianos identificaram os imitadores quase perfeitamente, enquanto os entrevistados não Hessianos (de Schleswig-Holstein) não conseguiram distinguir entre os dois (168).

Outros experimentos interessantes em Linguística Popular podem ser listados aqui, mas os linguistas aplicados certamente verão a relevância de descobertas como as relatadas acima em muitas de suas pesquisas. Não vou insistir na importância da habilidade imitativa (e no sucesso ou fracasso das imitações em convencer os falantes locais de sua autenticidade); isso é muito óbvio para atuantes em qualquer área de instrução variada na língua nativa e em

todas as áreas de instrução em língua estrangeira e segunda. De igual importância para os praticantes, entretanto, são certamente as descobertas experimentais que mostram como a crença popular pode interferir nas habilidades dos falantes em produzir e processar a língua e a variedade da língua. Se os naturais de Michigan de Niedzielski não ouvem suas próprias vogais, não importa qual seja nosso objetivo nessa área, como podemos trabalhar com eles sobre pronúncia? Em um estudo obviamente aplicado, Rubin (1992) mostrou que estudantes de graduação classificaram uma amostra de fala do meio-oeste dos EUA como "mais acentuado" quando foram levados a acreditar que o falante era um asiático, e eles realmente compreendiam menos da mesma amostra de fala quando eram tão induzidos. Simplificando, isso é "Eu não entendo você porque você parece alguém que eu não consigo entender". Esta descoberta da linguística popular deveria ser leitura obrigatória para qualquer pessoa cujo negócio seja garantir que falantes não nativos possam ser compreendidos. Talvez, como Rubin conclui, o trabalho deveria ser feito com os ouvintes também.

5 Abordagens discursivas

Há poucos anos, em uma reunião da Associação Americana de Linguística Aplicada, Emanuel Schegloff anunciou em seu discurso na conferência que "a análise da conversação é linguística aplicada". Isso me parece exagerar o escopo da análise da conversação e subestimar o da linguística aplicada, mas o *bug* do discurso já atingiu muitos dos que tem interesses aplicados. Os discursos linguísticos populares, embora não necessariamente identificados como tais, foram analisados, por exemplo, em Kalaja e Barcelos (2003), que fornecem uma série de diferentes abordagens centradas no discurso para as crenças sobre aquisição de segunda língua. Os autores usam estratégias interpretativas que, na maioria das vezes, podem estar relacionadas à decomposição da crença popular a partir das palavras reais dos entrevistados. Isto é, eles são interpretados dentro do quadro mais amplo da situação da fala e mesmo da cultura circundante, de forma muito semelhante ao delineado na seção anterior sobre abordagens tradicionais. Em abordagens populares mais gerais à conversação, Jara Murillo (2006), por exemplo, aplica técnicas quantitativas aos temas atuais extraídos de conversas com costarriquenhos sobre sua própria língua.

Aqui, oferecerei abordagens mais orientadas linguisticamente para o conteúdo metalinguístico de uma conversa a sobre a fala, ou seja, tentativas de derivar da estrutura do discurso algumas pistas para seu conteúdo. Os linguistas estão bem equipados para olhar além do que é *dito* e descobrir o que é *pressuposto*, e tais pressuposições frequentemente envolvem crenças populares profundamente arraigadas. Preston (1994) revisa uma série de estratégias para a análise de discursos linguísticos populares que podem revelar atitudes subconscientes - seleção de tópico em imitação, especificidade referencial em argumento, *speaker-hearer footing*, marcadores de discurso e perspectivas de tópico. Já que não posso lidar com tudo isso, deixe-me ilustrar esse potencial para revelar o subconsciente no discurso apontando a possibilidade de extrair *pressuposições pragmáticas*, que estão relacionadas a *gatilhos* lexicais e estruturais (LEVINSON, 1983, p. 181-85). Por exemplo, "começou" em "Bill começou a fumar" pressupõe que houve um tempo no passado em que Bill não fumava

(LEVINSON, 1983, p. 182). Embora "Bill não reprovou em álgebra" não pressuponha que Bill foi reprovado em alguma coisa, "O que Bill não reprovou foi álgebra" sugere que ele foi reprovado em algo (LEVINSON, 1983, p. 182-83). Quando os discursos se voltam para a linguagem (em vez de fumar e reprovado), tais pressupostos se mostram ainda mais interessantes.

No diálogo a seguir, um pesquisador de campo Taiwanês (C) discute o Inglês Afro-americano com um Amigo Afro-americano (D).

1 C: Nós, uh - linguística, neste campo, uh - pelo livro eu v- quero dizer, eu vi no livro que - muitos linguistas se interessam bastante pelo *black English*. Então você poderia me dizer - um pouco sobre - seu dialeto?

2 D: Dialeto.

3 C: Sim Sim

4 Todos: ((risos))

[

5 D: Bem, uh: - bem - veja o mundo cada vez menor. Há =

=

[

6 C: ((risos)) Eu- eu acho- você tem-

7 D: = não - mesmo entre todos os grupos étnicos que estamos- estamos obtendo- obtendo cada vez menos influência dialetal. (hhh) Uh, eu sou- acontece - não sou - do Sul, (PRESTON, 1994, p. 286-287).

Sem uma explicação dos pressupostos, acho que esse discurso é difícil de interpretar, particularmente o conteúdo de 5-7 D. A primeira chave está na(s) pressuposição(ões) de "Então você poderia me falar um pouco sobre o seu dialeto" (1 C). "Seu dialeto" pressupõe a existência de "dialeto (s)" e que "você" é o falante de um. A percepção de D das pressuposições de C leva às afirmações de outra forma difícil de entender em 5-7 D:

O mundo está ficando menor. Estamos recebendo cada vez menos influência dialetal (ou seja, há cada vez menos dialetos). Acontece que não sou do sul.

"O mundo está ficando menor" é uma explicação de por que há menos dialetos (educação, mídia, mobilidade etc.), mas a próxima afirmação de D, de que há menos dialetos, responde à pressuposição de C de que tais coisas existem (uma *descrição definitiva*; por exemplo, LEVINSON, 1983, p. 181). Finalmente, e mais sutilmente, D confirma a pressuposição de C de que os dialetos existem, mas, para ele (D), eles existem apenas em lugares como "o Sul". Em outras palavras, se C tivesse a sorte de encontrar um falante do Sul, ele poderia ter seu pedido de informações sobre "seu dialeto" atendido.

Como podemos dar sentido à observação de D de que ele não é do Sul, a menos que esteja de alguma forma relacionada à sua resposta ao pedido de C por informações sobre o dialeto de D (e embutido na afirmação de D de que há

menos dialetos)? Lembre-se de que os naturais de Michigan, D incluído, considera o Sul muito saliente como uma área de fala regional e que sua saliência está, sem dúvida, relacionada à sua incorreção (ver Figura 8 e Tabela 1); ou seja, é "um dialeto".

O trabalho pressuposicional, entretanto, também pode explicar por que “acontece” de D não ser do sul. Por que ele simplesmente não diz 'Eu não sou do Sul'? 'Acontecer' pertence a um grupo de verbos implicativos (LEVINSON, 1983, p. 181) e pressupõe 'inadvertência', 'falta de planejamento' ou 'por acaso'. D “acontece” como não sendo do Sul porque é apenas um caso de azar em que C escolheu um entrevistado que não era do Sul (e, portanto, não pôde atender ao seu pedido de informações de “dialeto”).

Trabalho como este nos leva à construção de um modelo cultural das ideologias de linguagem de D (bem como de C), e eu forneço muito mais sobre essa conversa e várias abordagens pragmáticas para seu conteúdo em Preston (1994). O trabalho no discurso, assim, de muitas perspectivas, mas certamente de ambas as pragmáticas formal e informal, revela não apenas o que os falantes disseram ou afirmaram (o consciente), mas também o que eles associaram, implicaram e pressupuseram (o subconsciente).

Não há dúvida de que o subconsciente é importante na linguística popular. Eu citei Irvine (acima) sobre a importância de ver a linguagem em ação, bem como para falar sobre a linguagem; que os dois podem estar em total contraste é verdade. Kristiansen (2009), por exemplo, descobre que dinamarqueses de toda a Dinamarca dizem que gostam mais de sua variedade local, mas que, quando um *Mached-guise* cuidadosamente construído é aplicado, todos parecem preferir o emergente “New Copenhagen” padrão, uma forma que parece estar varrendo o país. Um modelo de discurso que olhasse apenas para o que foi dito iria encontrar apenas um fato linguístico popular interessante sobre as variedades dinamarquesas modernas (e serviria muito mal aos linguistas aplicados dinamarqueses). Eu os encorajaria a falar com as pessoas sobre como falar e analisar o que elas disseram e o que significaram.

Alguns leitores podem ficar insatisfeitos ao ver suas abordagens favoritas do discurso (análises interativas, análises críticas e similares) não destacadas aqui. Eu não fiz isso porque 1) elas já têm uma ampla representação e uso em linguística aplicada, e 2) eu tentei fazer mais abordagens linguísticas relativamente mais formais para a estrutura e significado do discurso, áreas que eu sinto que são sub-representadas no trabalho aplicado.

6 Conclusão

Este levantamento metodológico de técnicas de coleta de dados e estratégias interpretativas em linguística popular é necessariamente amplo e tem como objetivo fornecer apenas uma visão geral da pesquisa até o momento. Não é possível aqui detalhar as muitas aplicações específicas de tal trabalho para a área particular de cada leitor da linguística aplicada. Os artigos, entretanto, são todos bons exemplos de estudos linguísticos populares relevantes para questões de Linguística Aplicada, e espero que eles e esta pesquisa de métodos o inspirem a fazer algumas pesquisas por conta própria. Quer você melhore ou reproduza os métodos apresentados aqui, espero tê-lo convencido da importância de conhecer as crenças sobre a língua e as variedades das pessoas com quem você trabalha.

REFERÊNCIAS

- ANDERS, C. A.; HUNDT, M.; LASCH, A. (eds). **Perceptual Dialectology**. Neue Wege der Dialektologie [Linguistik — Impulse & Tendenzen 38]. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.
- BENSON, E. J. Folk linguistic perceptions and the mapping of dialect boundaries. **American Speech**, v.78, i.3, p. 307–30, 2003.
- BÜLD, H. **Sprache und Volkstum im nördlichen Westfalen: Sprachgrenzen und Sprachbewegungen in der Volksmeinung**. Emsdetten: H. & G. Lechte, 1939.
- CINI, M.; REGIS, R. Che cosa ne pensa oggi Chiaffredo Roux? Percorsi della dialettologia perzezionale all'alba del nuovo millennio (Atti del Convegno Internazionale Bardonecchia 25, 26, 27 maggio 2000). **Atlante Linguistico ed Etnografico del Piemonte Occidentale** 6. Turin: Edizione dell'Orso, 2002.
- CRAMER, J. S. **The Effect of Borders on the Linguistic Production and Perception of Regional Identity in Louisville, Kentucky**. PhD dissertation, University of Illinois Urbana-Champaign, 2010.
- DAAN, J. Dialekten. In: DAAN, J.; BLOK, D. P. **Van randstad tot landrand** [Bijdragen en Mededelingen der Dialecten Commissie van de Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen te Amsterdam, XXXVII], Amsterdam: N.V. Noord, Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1970[1999]. p. 7-43. (Translated as 'Dialects'. In: PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 1, 1999a. 9–30.)
- D'AGOSTINO, M. **Percezione dello spazio, spazio della percezione: La variazione linguistica fra nuovi e vecchi strumenti di analisi** [Atlante Linguistica della Sicilia 10]. Palermo: Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Dipartimento di Scienze Filologiche e Linguistiche, Facoltà di lettere e Filosofia, 2002.
- DAILEY-O'CAIN, J. The perception of post-unification German regional speech. In: PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 1, Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 227- 242.
- DEMIRCI, M. Gender differences in the perception of Turkish regional dialects. In: LONG, D.; PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 2, Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 43-52.
- DEMIRCI, M.; KLEINER, B. The perception of Turkish dialects. In: PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 1, Amsterdam: John Benjamins, 1999a. p. 263–281.
- EVANS, B. E. Attitudes of Montreal students to varieties of French. In: LONG, D.; PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 73–95.

EVANS, B. E. Seattle to Spokane: Mapping English in Washington State. **A paper presented to NWAV** (New Ways of Analyzing Variation) 39, University of Texas, San Antonio TX, November 5, 2010a.

EVANS, B. E. Aspects of the acoustic analysis of imitation. In: PRESTON, D.; NIEDZIELSKI, N. (eds). **A Reader in Sociophonetics**, Berlin: Mouton de Gruyter, 2010b. p. 379–391.

FINEGAN, E. **Attitudes towards English Usage: The History of a War of Words**. New York NY: Teachers College Press, 1980.

GILES, H.; BOURHIS, R.Y. Voice and racial categorization in Britain. **Communication Monographs**, v. 43, p. 108–14, 1976.

GILES, H., COUPLAND, N.; WEIMANN, J. “Talk is cheap” but “my word is my bond”: Beliefs about talk. In: BOLTON, K.; KWOCK, H. (eds). **Sociolinguistics Today: Eastern and Western Perspectives**. London: Routledge, 1991. p. 218–243.

GOULD, P.; WHITE, R. **Mental Maps**. New York NY: Pelican Books., 1974.

GRADDOL, D. & SWANN, J. Trapping linguists. **Language in Education** 2, p. 95–111, 1988.

GRAFF, D., LABOV W. & HARRIS, W. Testing listeners’ reactions to phonological markers of ethnic identity: A new method for sociolinguistic research. In: SANKOFF, D. (ed.). **Diversity and Diachrony** [Current Issues in Linguistic Theory 53], Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 45–58.

GROOTAERS, W. A. La discussion autor des frontières dialectales subjectives. **Orbis**, v. 13, p. 380–98, 1964[1999]. (Translated as ‘The discussion surrounding the subjective boundaries of dialects,’ In In: PRESTON, D. R. (ed.). **A Handbook of Perceptual Dialectology**. v. 1 Amsterdam: John Benjamins, 1999a. p. 115–29).

HOENIGSWALD, H. A proposal for the study of folk-linguistics. In: BRIGHT, W. (ed.), **Sociolinguistics**. The Hague: Mouton, 1966. p. 16–26.

INOUE, F. Subjective dialect division in Great Britain. **American Speech**, v. 71, i. 2, p. 142–61, 1996[1999]. (Reprinted In: PRESTON, D. R. (ed.). **A Handbook of Perceptual Dialectology**. v. 1 Amsterdam: John Benjamins, 1999a. p. 161–76).

IRVINE, J. T. Ideologies of honorific language. **Pragmatics**, volume 2, issue 3, p. 251 – 262, Jan 1992.

Irvine, J. T. “Style” as distinctiveness: The culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21–43.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: Kroskrity, P. (ed.). **Regimes of Language**. Santa Fe NM: School of American Research Press, 2000. p. 35–83.

- JARA MURILLO, C. V. **El Español de Costa Rica según los ticos**: Un estudio lingüística popular. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 2006.
- KALAJA, P. & FERREIRA BARCELOS, A. M. (eds). **Beliefs about SLA: New Research Approaches**. Dordrecht: Kluwer, 2003.
- KREMER, L. Die niederländisch-deutsche Staatsgrenze als subjektive Dialektgrenze. In **Grenzen en grensproblemen** (Een bundel studies uitgegeven door het Nedersaksich Instituut van der R.U. Gronigen ter gelegenheid van zijn 30-jarig bestaan [Nedersaksische Studies 7, zugleich: Driemaandelijks Bladen 36]), 76–83, 1984[1999]. (Translated as ‘The Dutch-German national border as a subjective dialect boundary’. In: PRESTON, D. R. (ed.). **A Handbook of Perceptual Dialectology**. v. 1 Amsterdam: John Benjamins, 1999a. p. 31–36).
- KRISTIANSEN, T. The macro-level meanings of late-modern Danish accents. **Acta Linguistica Hafniensia**, v.41, p. 167–192, 2009.
- KUIPER, L. Variation and the norm. Parisian perceptions of regional French. In: PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 1, p. 243–262, 1999.
- LABOV, W. The logic of non-standard English. In: ALATIS, J. (ed.), *Georgetown Monograph on Language and Linguistics*, Washington DC: Georgetown University Press, v. 22, p. 1–44, 1969.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia PA: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, 1994.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago IL: The University of Chicago Press, 1980.
- LAMBERT, W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 60, p. 44–51, 1960.
- L’EPLATTENIER-SAUGY, C. A perceptual dialect study of French in Switzerland. In: LONG, D.; PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 2, Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 351–65.
- LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. Cambridge: CUP, 1983.
- LIPPI-GREEN, R. **English with an Accent**. London: Routledge, 1997.
- LODGE, R. A. **French: From Dialect to Standard**. London: Routledge, 1993.
- LONG, D. Mapping nonlinguists’ evaluations of Japanese language variation. In: PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 1, p. 199–226. 1999.
- LONG, D.; PRESTON, D. R. (eds). **Handbook of Perceptual Dialectology**, v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

- LONG, D.; YIM, Y.-C. Regional differences in the perception of Korean dialects. In: LONG, D.; PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 2, Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 249–275.
- MASE, Y. Hôgen ishiki to hôgen kukaku. 1964 (Translated as ‘Dialect consciousness and dialect divisions’). In: PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 1, p. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 71–99.
- MILROY, J.; MILROY, L. **Authority in Language: Investigating Standard English**, 3rd edn. London: Routledge, 1999.
- MONTGOMERY, C. **Northern English Dialects: A Perceptual Approach**. PhD dissertation, University of Sheffield, 2007.
- MORENO FERNÁNDEZ, J.; MORENO FERNÁNDEZ, F. 2002. Madrid perceptions of regional varieties in Spain. In: LONG, D.; PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 2, p.295–320, 2002.
- NIEDZIELSKI, N. The effect of social information on the perception of sociolinguistic variables. **Journal of Language and Social Psychology**, volume 18, issue 1, p. 62–85, 1999.
- NIEDZIELSKI, N.; PRESTON, D. R. **Folk Linguistics** (rev. pbk edn). Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- NOMOTO, K. Kotoba no ishiki no kyôkai to jissai no kyôkai. *Jinruikagaku* (Anthropological Sciences) 15: 271–81, 1963 (Translated as Consciousness of linguistic boundaries and actual linguistic boundaries. In: PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of perceptual dialectology**, v. 1, Amsterdam: John Benjamins, 1999a. p. 63–69.
- PETERSON, G.E.; BARNEY, H.E. Control methods used in a study of the vowels. **Journal of the Acoustical Society of America**, v. 24, issue 2, p. 175–84, 1952.
- PLICHTA, B.; PRESTON, D. R. The /ay/s Have It: The perception of /ay/ as a north-south stereotype in United States English, **Acta Linguistica Hafniensia**, volume 37, issue 1, p. 107–130, 2005. <https://doi.org/10.1080/03740463.2005.10416086>.
- PRESTON, D. R. Perceptual dialectology: mental maps of United States dialects from a Hawaiian perspective. **Hawaii Working Papers in Linguistics**, volume 14, issue 2, p. 5–49, 1982.
- PRESTON, D. R. Five visions of America. **Language in Society**, volume 15, p. 221–240, 1986.
- PRESTON, D. R. **Perceptual Dialectology**. Dordrecht: Foris, 1989a.
- PRESTON, D. R. Standard English spoken here: The geographical loci of linguistic norms. In: AMMON, U. (ed.). **Status and Function of Language and Language Varieties**. Berlin: Walter de Gruyter, 1989b. p. 324–54.
- PRESTON, D. R. Content-oriented discourse analysis and folk linguistics. **Language Sciences**, volume 16, issue 2, p. 285–330, 1994.

- PRESTON, D. R. Where the worst English is spoken. In: Schneider, E. (ed.). **Focus on the USA** [Varieties of English around the World G16], Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 297–360.
- PRESTON, D. R. (ed.). **A Handbook of Perceptual Dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, 1999a.
- PRESTON, D. R. 1999b. A language attitude approach to the perception of regional variety. In: PRESTON, D. R. (ed.). **A Handbook of Perceptual Dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, 1999a. p. 359–373.
- PRESTON, D. R.; HOWE, G. M. Computerized generalizations of mental dialect maps. In: DENNING, K.; INKELAS, S.; MCNAIR-KNOX, F. C.; RICKFORD, J. R. (Eds). **Variation in Language: NWAV-XV at Stanford**. Stanford CA: Department of Linguistics, Stanford University, 1987. p. 361–378.
- PURNELL, T.; IDSARDI, W.; BAUGH, J. Perceptual and phonetic experiments on American English dialect identification. **Journal of Language and Social Psychology**, volume 18, issue 1, p. 10–30, 1999.
- PURSCHE, C. Imitation und Hörerurteil - Kognitive Dialekt-Prototypen am Beispiel des Hessischen. In: HUNDT, M.; ANDERS, C.; LASCH, A. (eds). **Perceptual dialectology — Neue Wege in der Dialektologie**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 151–177.
- REDDY, M. J. The conduit metaphor. A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (ed.). **Metaphor and Thought**. Cambridge: CUP, 1979. p. 284–297.
- Rensink, W. G. 1955 [1999]. Dialectindeling naar opgaven van medewerkers. Mededelingen der Centrale Commissie voor Onderzoek van het Nederlandse Volkseigen 7: 20–23, 1955. (English translation: Informant classification of dialects. In: PRESTON, D. R. (ed.). **A Handbook of Perceptual Dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, 1999a. p. 3–7.
- RUBIN, D. L. Nonlanguage factors affecting undergraduates' judgments of nonnative English-speaking teaching assistants. **Research in Higher Education**, volume 33, issue 4, p. 511–531, 1992.
- RYAN, E. B.; GILES, H. (eds). **Attitudes towards Language Variation: Social and Applied Contexts** [The Social Psychology of Language 1]. London: Edward Arnold, 1982.
- RYAN, E. B.; GILES, H.; SEBASTIAN, R. J. An integrated perspective for the study of attitudes toward language variation. In: RYAN, E. B.; GILES, H. (eds). **Attitudes towards Language Variation: Social and Applied Contexts** [The Social Psychology of Language 1]. London: Edward Arnold, 1982. p. 1–19.
- SCHIEFFELIN, B., WOLLARD, K. A.; KROSKRITY, P. (eds). **Language Ideologies: Practice and Theory**. Oxford: OUP, 1998.
- SIBATA, T. Hôgen kyôkai no ishiki (Subjective consciousness of dialect boundaries). *Gengo Ken-kyû*, 36:1–30, 1959. (Translated as 'Consciousness of dialect boundaries': In: PRESTON, D. R. (ed.). **A Handbook of Perceptual Dialectology**. v. 1 Amsterdam: John Benjamins, 1999a. p. 39–62).

- SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, volume 23, p. 193-229, 2003.
- TAMASI, S. L. **Cognitive Patterns of Linguistic Perceptions**. PhD dissertation, University of Georgia, 2003.
- TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. **Language in Society**, volume 1, issue 2, p. 179-195, 1972.
- TUCKER, G. R.; LAMBERT, W. E. White and Negro listeners' reactions to various American-English dialects. **Social Forces**, volume 47, p. 463-468, 1969.
- WEIJNEN, A. A. De grenzen tussen de Oost-Noordbrabantse dialecten onderling (The borders between the dialects of eastern North Brabant). In: WEIJNEN, A. A.; RENDERS, J.M.; VAN GINNEKEN, J. (eds). **Oost-Noordbrabantse dialectproblemen** (Eastern North Brabant dialect problems), volume 8, p. 1-15, 1946. Bijdragen en Mededelingen der Dialectencommissie van de Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen te Amsterdam 8.
- WOLFF, H. Intelligibility and inter-ethnic attitudes. **Anthropological Linguistics**, volume 1, issue 3, p.34-41, 1959.

Recebido em dezembro de 2020

Aceito em 2 de abril de 2021.

Publicado em 1 de setembro 2021.

SOBRE O AUTOR

Dennis R. Preston é doutor pela Universidade de Wisconsin. É Professor Regente e Co-Diretor do Centro de Estudos de Oklahoma, Universidade Estadual de Oklahoma e Professor Emérito da Universidade Estadual de Michigan. Foi diretor do Linguistic Society of America Institute de 2003, presidente da American Dialect Society. Suas pesquisas se inscrevem nos campos da sociolinguística, dialetologia e linguística popular.

E-mail: e-mail: preston@msu.edu, dennis.preston@okstate.edu

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9949-0211>

SOBRE OS TRADUTORES

Marcelo Rocha Barros Gonçalves possui graduação (1999), mestrado (2002) e doutorado (2012) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente é professor associado do Câmpus de Coxim da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) desde 2005. Tem experiência na área de Ensino de Língua Portuguesa e Linguística Geral, com ênfase em Semântica, Pragmática, História das Ideias Linguísticas, Sociolinguística e Linguística Computacional. Nos últimos anos tem trabalhado na área de Tecnologias da Informação e Comunicação e suas relações com o Ensino de Língua Portuguesa.

Atualmente é Pós-Doutorando em Linguística na Universidade Federal de São Carlos e membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM).

E-mail: marcelo.barros@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1894-9746>

Livia M. Falconi Pires é graduada em Licenciatura Plena em Letras português/espanhol pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCAR no ano de 2009, titulada Mestre em Linguística no ano de 2012 pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da mesma universidade e Doutora em Linguística pelo mesmo PPGL no ano de 2017. Fez Estágio de Pesquisa na Université de Toulouse 2 (Jean Jaurès) desenvolvendo pesquisa acerca das mulheres no âmbito político eleitoral. Participou do grupo de estudos em Análise do Discurso-Labor, desenvolvendo pesquisas relacionadas com as mudanças no discurso político na esteira da teoria da Análise do Discurso de linha francesa. Em 2010 foi vice-representante discente da pós-graduação em linguística da UFSCar e em 2013 foi representante discente do mesmo programa. É docente do Centro Universitário Central Paulista (UNICEP- São Carlos) e pós-doutoranda do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

E-mail liviampires@hotmail.com

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0696-2844>